



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 30 de janeiro de 2025

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,5% São Paulo	122.972 24/1 27/1 28/1 29/1	R\$ 5,866 (-0,06%)	23/janeiro 5,925 24/janeiro 5,918 27/janeiro 5,913 28/janeiro 5,869	R\$ 6,112	12,15%	13,12%	Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52

INFLAÇÃO

Copom eleva juros para 13,25% ao ano

O aumento era esperado pelo mercado financeiro. Expectativa do mercado é de que a Selic supere 15% ao ano em 2025, maior nível em quase 20 anos. A decisão foi unânime, ou seja, os nove diretores do comitê votaram nesse sentido

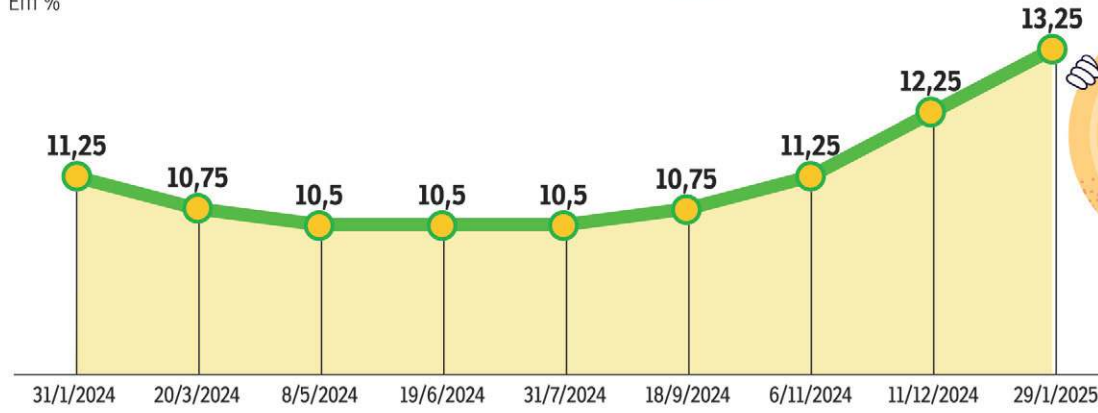
» FERNANDA STRICKLAND

Em alta

A alta recente do dólar e as incertezas em torno da inflação e da economia global fizeram o Banco Central aumentar mais uma vez os juros

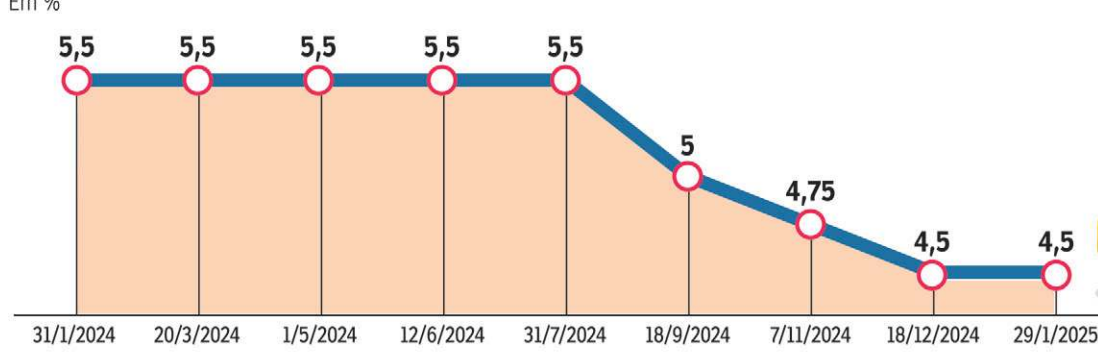
TRAJETÓRIA DA TAXA BÁSICA DE JUROS (SELIC)

Em %

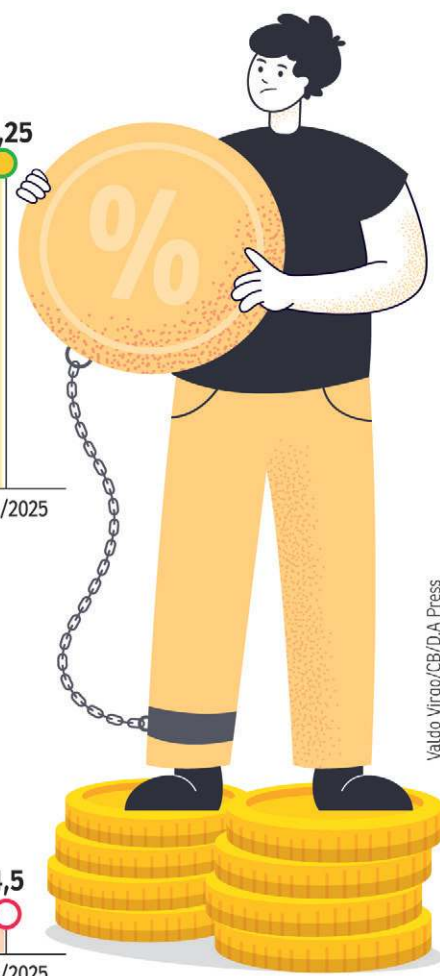


TAXA BÁSICA DE JUROS DOS EUA

Em %



Fonte: Fed e Copom



Manutenção de juros nos EUA

O Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) manteve os juros do país inalterados na faixa de 4,25% a 4,50% ao ano. A decisão foi unânime e anunciada ontem. No mês passado, o Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês) havia reduzido o referencial em 0,25 ponto percentual. Na ocasião, indicou também uma pausa no ciclo de cortes, diante de "perspectivas econômicas incertas".

A decisão de manter os juros inalterados tem impactos diretos na economia global e pode dificultar a redução da taxa de câmbio e dos juros no Brasil. Segundo analistas, a manutenção da taxa americana torna os Estados Unidos mais atrativos para investidores estrangeiros, fortalecendo o dólar e pressionando mercados emergentes como o Brasil.

O CEO da Referência Capital, Pedro Ros, avalia que essa postura do Fed pode dificultar a desvalorização do dólar frente ao real, reduzindo o fluxo de capital estrangeiro para o país. "Isso pode levar o Banco Central brasileiro a manter a Selic elevada, encarecendo o crédito e impactando setores como o imobiliário, que representa quase 10% do PIB brasileiro", explicou.

"O dólar deve se manter forte em relação ao real, com mais recursos fluindo para os EUA. No entanto, a pior coisa que o Brasil pode fazer é apenas torcer por uma queda dos juros americanos para aliviar a pressão sobre a nossa economia", alerta Felipe Vasconcellos, sócio da Equus Capital. (FS)

O Banco Central (BC) decidiu elevar a taxa básica de juros da economia, a Selic, em um ponto percentual, passando de 12,25% para 13,25% ao ano. A decisão foi anunciada, ontem, após reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) e contou com unanimidade entre os nove diretores da instituição.

O aumento era amplamente esperado pelo mercado financeiro, especialmente após o próprio BC ter sinalizado, em dezembro, que adotaria uma postura mais rígida diante do avanço da inflação. A elevação da Selic marca a primeira decisão do Copom sob a presidência de Gabriel Galpelo, indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para comandar o órgão.

A decisão reflete a preocupação com a inflação crescente no país. No comunicado divulgado, após a reunião, o Copom indicou que, caso o cenário atual se mantenha, a Selic poderá sofrer novo aumento de igual magnitude na próxima reunião. "Diante da continuidade do cenário adverso para a convergência da inflação, o Comitê antevê, em se confirmando o cenário esperado, um ajuste de mesma magnitude na próxima reunião", disse o documento divulgado pela instituição.

O BC reforçou que o ciclo de alta dos juros deve continuar nos próximos meses, dependendo do comportamento da inflação e dos fatores econômicos que influenciam os preços.

"Para além da próxima reunião, o Comitê reforça que a magnitude total do ciclo de aperto monetário será ditada pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta e dependerá da evolução da dinâmica da inflação, em especial dos componentes mais sensíveis à atividade

econômica e à política monetária, das projeções de inflação, das expectativas de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos", afirmou o Copom.

Com a Selic mais alta, o crédito para consumidores e empresas tende a ficar mais caro, o que pode afetar o consumo e os investimentos. Por outro lado, o aumento dos juros também tem o objetivo de conter a inflação, tornando o cenário mais previsível para a economia a longo prazo. O mercado aguarda os passos

do Banco Central e os efeitos das novas taxas sobre os índices de preços. A próxima reunião do Copom será decisiva para definir o ritmo do aperto monetário e os rumos da política econômica no país.

A economista-chefe do Ouribank, Cristiane Quartaroli, aponta que o BC justificou a elevação da Selic apontando riscos inflacionários persistentes e um ambiente externo desafiador. "O Comitê reforçou que seguirá monitorando os indicadores mais

sensíveis e tomará as medidas necessárias para conter a inflação, sinalizando ao menos mais um ajuste da mesma magnitude na próxima reunião", ressalta.

O economista Allan Couto, fundador da Calculadora do GAIN, destaca três principais motivos para o aumento da Selic. "Em primeiro lugar, há o controle da inflação, que precisa ser combatida neste momento. Em segundo, a desvalorização do real frente ao dólar exige uma política monetária mais rígida para

manter e atrair investidores", diz.

A decisão do Copom ocorre em um contexto no qual o Federal Reserve (Fed), banco central dos Estados Unidos, optou por manter os juros estáveis. Isso amplia o diferencial de juros entre Brasil e EUA, o que pode ser positivo para a taxa de câmbio ao estimular o ingresso de capital estrangeiro. No entanto, Quartaroli ressalta que o mercado já havia precificado esse movimento, o que pode reduzir os impactos imediatos na cotação do dólar.

ECONOMIA INTERNACIONAL

Fórum debate desafios para a integração regional

» ROSANA HESSEL
Enviada especial

Cidade do Panamá – América Latina e Caribe devem crescer 2,5% neste ano, dado levemente acima da taxa de 2,4% estimada para 2024, conforme dados do Fundo Monetário Nacional (FMI). Essa taxa é menor do que os 3,3% estimados pelo organismo multilateral para o crescimento global, e deve ser superior à mediana das estimativas do mercado, mas é superior aos 2,2% de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil.

O baixo crescimento regional foi um dos principais temas abordados nos painéis do primeiro Fórum Econômico Internacional América Latina e Caribe, organizado pelo CAF, banco de desenvolvimento da América Latina e do Caribe, com o tema:

"Como retomar o caminho do crescimento?".

Na abertura do evento, o presidente panamenho, José Raúl Mulino, garantiu esse novo evento, que será anual, vai transformar a Cidade do Panamá "na Davos da América Latina", em referência ao resort suíço onde é realizado anualmente, o Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês). Ele ainda deu uma resposta ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que ameaçou retomar a rota que liga os oceanos Pacífico e Atlântico por eclusas.

Sergio Díaz-Granados, presidente-executivo do CAF, destacou em seu discurso de abertura que o banco estará focado em contribuir para o desenvolvimento da região e anunciou que durante a assinatura do termo de adesão de mais um país ao

Rosana Hessel/DA/CB Press



Presidente do CAF se reuniu com organismos multilaterais

grupo, Antígua e Barbuda, totalizando 23 membros. Organizado pelo CAF, o evento também teve como parceiros o Grupo Prisa e a World in Progress (WIP). A transmissão também foi feita pelo canal do **Correio** no YouTube.

De acordo com o presidente

do CAF, o banco também tem uma linha de crédito para o setor privado e existem cinco desafios a serem enfrentados pelos países da região para combater o baixo crescimento e a pobreza na região: a produtividade reduzida, as mudanças climáticas extremas, a

transição energética, a segurança e o fortalecimento das democracias. E, no fim do primeiro dia do evento, em conversa com jornalistas, Díaz-Granados fez um balanço do evento e informou que havia mais de 1,4 mil pessoas presentes ao centro de convenções onde o Fórum foi realizado.

O presidente do CAF ainda reconheceu que a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris vai ter impacto em todos os países, mas os da América Central e do Caribe podem sentir mais, porque são os mais vulneráveis às mudanças climáticas. O executivo também ainda ressaltou que vários eventos neste ano podem ajudar a integrar a região, inclusive, a 30ª Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU), a COP, que ocorrerá em novembro, em Belém, no Brasil.

Na avaliação dele, a geração atual "tem uma janela competitiva" para o desenvolvimento do capital humano, maior capacitação da força de trabalho e do capital humano hoje. "Esse Fórum

vai buscar desenvolver o crescimento na região com a transição energética, o turismo sustentável e todos os temas que vamos trabalhar no banco para estarmos ao longo dos eventos neste ano na região", afirmou Díaz-Granados, confirmando presença na COP 30. "Unidos, somos mais fortes e cooperativos", emendou.

Em breve discurso gravado em vídeo, a diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, destacou que o crescimento dos países da região está relacionado com reformas profundas para a transformação da economia e de governos. "O crescimento econômico na América Latina não é apenas um problema cíclico, mas estrutural. Para mudar essa realidade, precisamos reduzir a burocracia, fortalecer as instituições, promover a integração comercial e revitalizar o mercado de trabalho, incluindo maior participação feminina", afirmou.

A jornalista viajou a convite do CAF